

Interseccionalidade e demandas sociais

Desafios para a Gestalt-terapia

PAULO CAVALCANTI
LILIAN MEYER FRAZÃO
(orgs.)



INTERSECCIONALIDADE E DEMANDAS SOCIAIS
Desafios para a Gestalt-terapia
Copyright © 2025 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Preparação: **Samara dos Santos Reis**
Revisão: **Michelle Campos**
Capa: **Delfin [Studio DelRey]**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 — 7º andar
05006-000 — São Paulo — SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação I	7
<i>Paulo Cavalcanti</i>	
Apresentação II	9
<i>Lilian Meyer Frazão</i>	
1. Inquietações clínicas: avenidas identitárias e Gestalt-terapia . . 11	
<i>Paulo Cavalcanti</i>	
2. Uma perspectiva coletiva das relações raciais: negritude e Gestalt-terapia 29	
<i>Valdicéia Miranda Machado Bouzada, Elaine Maria Silva Moura, Kevin da Silva Martins, Thauane Cunha Siqueira e Carolina de Carvalho Duarte Guimarães</i>	
3. Branquitude e clínica: elementos para pensar uma prática antirracista no âmbito da Gestalt-terapia 45	
<i>Mônica B. Alvim</i>	
4. Gênero e seus atravessamentos interseccionais 65	
<i>Samanta Santos da Fonseca</i>	
5. Gestalt-terapia e epistemologias contranormativas: o diálogo entre Perls, Hefferline e Goodman e teóriques LGBTQIAPN+ é possível? 83	
<i>Paulo Barros e Tatiana Campbell</i>	

6. A rua como parte principal da cidade: territorialidade
e redução de danos 103
Drieli Venâncio da Silva Sousa

7. “Direitos humanos para humanos direitos”:
Gestalt-terapeutas a serviço do compromisso político,
ético e social da psicologia 121
Angélica Alves da Silva

Apresentação I

Eles combinaram de nos matar,
mas a gente combinamos de não morrer.

CONCEIÇÃO EVARISTO, 2016¹

Por vezes, nossa visão não consegue perceber até que ponto as realidades são diferentes — e não falo apenas do campo subjetivo, mas também do concreto. Sendo assim, eu não poderia deixar de iniciar esta apresentação sem evocar a sabedoria de Conceição Evaristo, que, por meio de sua *escrevivência*, nos convoca a acordar a Casa-Grande.

Assim, os capítulos que compõem este livro fazem parte do desejo de ampliar as possibilidades de escuta e intervenção da comunidade gestáltica, fomentando discussões que dialogam com a interseccionalidade. Não é o objetivo desta obra esgotar as possibilidades de discussão, pois temos consciência de que existem outros marcadores sociais; no entanto, ao abrir o debate para os marcadores de raça, gênero, sexualidade e territorialidade, esperamos contribuir para aprofundar as reflexões sobre as múltiplas formas de opressão e desigualdade presentes em nossa sociedade, estimulando a construção de uma sociedade mais justa e equitativa para todas as pessoas.

Quando convidei Lilian Frazão para ser parceira neste projeto, sabia que enfrentaríamos desafios, sobretudo no que tange a questões de raça, classe e territorialidade — afinal, as estruturas rígidas da nossa sociedade, infelizmente, também se refletem em nosso trabalho e

1. Evaristo, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

exigem de nós um esforço extra. Mas fiz um convite ousado: repensar os caminhos da Gestalt-terapia no Brasil, provocando tanto os mais velhos quanto os mais novos a conhecer o chão que pisamos.

Ao mergulhar nos capítulos deste livro, você encontrará reflexões e discussões que permeiam o cotidiano da prática da psicologia e da Gestalt-terapia, independentemente da sua área de atuação. Estas páginas nos convidam a uma análise crítica aprofundada da complexa realidade social, política, econômica e cultural brasileira, proporcionando ferramentas para uma atuação mais consciente e ética.

Por fim, desejo que esta leitura possa provocar reflexões importantes e, sobretudo, mudanças em nosso fazer profissional, impulsionando-nos a construir práticas mais justas, éticas e humanizadas.

PAULO CAVALCANTI

Apresentação II

Participar da organização deste livro foi bem mais do que escolher autores, fazer convites, revisar textos, dialogar com autores e editora e, finalmente, compor a obra. Foi uma experiência que me afetou profunda e significativamente, levando-me a ter consciência de alguns sofrimentos dos quais nunca tinha me dado conta. O simples fato de ser uma pessoa branca, de classe média, que nunca teve de se proteger em virtude da cor da pele me coloca em um lugar privilegiado, quer eu queira, quer não. Embora eu tivesse noção de que ocupo esse lugar, não fazia ideia do sofrimento e das agruras dos quais era poupada.

Samanta Fonseca, em seu capítulo, diz: “Enquanto algumas mães brancas temem que seus filhos cresçam e se unam ao patriarcado, as mães negras temem que seus filhos sejam arrancados de um carro e alvejados”. Essa frase tocou minha alma... Trata-se de uma realidade terrível e de um sofrimento que considero quase inimaginável. Não saber se seu filho vai crescer ou ser alvejado por uma bala; não saber, quando seu filho sai para trabalhar, se ele vai voltar ou ser preso, espancado ou morto é extremamente angustiante. Nada na minha vivência de mãe branca se compara com isso.

No capítulo sobre relações raciais, negritude e Gestalt-terapia, os autores afirmam: “O trauma do racismo não cicatriza; é uma ferida aberta que sangra diariamente, a cada ida ao supermercado, às ruas, aos parques. O corpo negro é o que a bala perdida encontra, o que a polícia revista, o corpo deitado nas ruas”. Essa é uma triste realidade, e a metáfora, além de impactante, é muito adequada! Tendo os negros chegado ao Brasil escravizados, sem direitos, brutalmente rouba-

dos de suas famílias, sua cultura e suas tradições, eles portam, sem dúvida, uma ferida impossível de cicatrizar.

Bebês, muito precocemente, eram tirados de suas mães sem direito a saber, no futuro, quem eram suas famílias de origem.... O apagamento de sua história é também um sofrimento profundo e muitas vezes indizível.

Em cada um dos capítulos deste livro são abordados temas importantes e significativos no que se refere à interseccionalidade, ou seja, como as diferentes formas de opressão de classe, gênero e raça se entrecruzam. Conhecer essas questões nos ajuda a compreender múltiplas dimensões do sofrimento humano, nem sempre abordadas em nossa formação.

Organizar este livro — eu, mulher branca, de classe média, moradora de um bairro nobre de São Paulo — com Paulo Cavalcanti — homem negro, morador da periferia — não só possibilitou que eu me apossasse do conhecimento sobre a interseccionalidade como também me levou a ter *awareness* e contato com o sofrimento dessas pessoas, tão injustamente marginalizadas. Cabe a nós, que, antes de Gestalt-terapeutas, somos cidadãos, combater esses problemas estruturais tão aviltantes, sérios e danosos.

LILIAN MEYER FRAZÃO

1. Inquietações clínicas: avenidas identitárias e Gestalt-terapia

Paulo Cavalcanti

Para iniciar esta escrita, é fundamental reconhecer e honrar as minhas mais velhas, minhas ancestrais — que, com muita ginga, me ensinaram sobre as malícias da vida, transmitindo, por meio da oralidade, a sabedoria para lidar com os desafios deste mundo. Elas também me ensinaram que viver em comunidade é estabelecer estratégias de reação às opressões, como aponta bell hooks (2021).

Como afirmou Nêgo Bispo (2023), “somos da circularidade: começo, meio e começo”. Por isso, a “bença” às mais velhas e às mais novas!

Eu, Paulo Cavalcanti, sou bisneto de Gemínia Pereira da Silva, mulher afro-indígena dotada de uma paciência singular, e Luiz “Couro-Grosso” Ferreira da Silva Filho, homem preto e contador de histórias sobre o mar. Sou filho mais velho de Elisângela Ferreira Cavalcanti (Lica), mulher negra e feroz no cuidado dos dois filhos, e tio de Lara Vitória Cavalcanti Santos, uma criança branca e traquina. Além disso, *sou um homem preto, favelado e psicólogo*.

Ao me apresentar, destaco algumas avenidas identitárias que me atravessam, descrevendo como sou lido no mundo. Ao ressaltar o nome de alguns dos meus familiares, reivindico o registro que outrora foi negado, e até apagado, diante dos processos de escravização e extermínio da população negra vigente em nosso país. Não ter os registros de parte dos meus ancestrais é não ter direito a acessar minha história.

Ao registrar que sou um homem preto, cisgênero, hétero e favelado, aponto o cruzamento e a sobreposição de raça, gênero, sexualida-